



GOETHEANUM

FREIE HOCHSCHULE FÜR GEISTESWISSENSCHAFT/MEDIZINISCHE SEKTION
INTERNATIONALE KOORDINATION ANTHROPOSOPHISCHE MEDIZIN

PSYCHOTHERAPIE

IFAPA
INTERNATIONAL FEDERATION OF
ANTHROPOSOPHIC PSYCHOTHERAPY
ASSOCIATIONS



Carta de apoio da IFAPA n.7

Sobre a situação da pandemia corona: Crise e Desafio

Ellen Keller

Psicoterapeuta Antroposófica

Carta de apoio sobre a situação da pandemia corona: Crise e Desafio

A antiga palavra grega *pandemios* significa: concernente a todos os povos, todos os povos. O novo vírus corona caiu em solo fértil onde poderia prosperar. Sem as rotas de tráfego da globalização puramente econômica, sem viajantes de negócios, turismo de massa e navios de cruzeiro, a pandemia viral nunca poderia ter se espalhado nesta velocidade e dessa forma. A invisibilidade do vírus tornou as estruturas de nossa sociedade visíveis por meio de sua presença misteriosa. Tendo em vista a *ameaça do Corona* – que supera tudo o que vivemos até agora como um choque nas sociedades afluentes das últimas décadas –, os contornos de nossa sociedade e, do ponto de vista individual, as personalidades, quem somos e quem queremos ser, ficam claramente evidentes. Na Alemanha, temos uma situação especial em muitos aspectos: nossos números de infecção são relativamente baixos em comparação com outros países; em contraste, existem e têm existido medidas de proteção contra o corona relativamente rígidas. Nas últimas semanas, em particular, essas medidas têm sido cada vez mais discutidas entre a população como desproporcionais. Especialmente desde o verão, houve várias manifestações contra elas com 10.000 participantes em agosto, em Berlim, com 34.000 pessoas e vários distúrbios dos manifestantes. Isso me assustou pessoalmente neste verão. A essa altura, eu temia mais a agitação social e as revoltas do que o perigo de ser infectada pelo Corona. Pertencço à maioria dos alemães que se sentiram mais protegidos pelas medidas preventivas tomadas pelo governo. No início da pandemia de março, houve uma onda de solidariedade entre as pessoas de nosso país, querendo proteger os mais fracos entre nós e, por outro lado, não querendo sobrecarregar nosso sistema de saúde - como havíamos observado em nossos países vizinhos: Itália, França e Espanha, pois o que vimos nos chocou profundamente.

Tivemos sorte e conseguimos nos ajustar cedo e aprender com nossos vizinhos. Mas podemos dizer que foi apenas sorte? Como uma pessoa realmente apolítica (não politicamente ativa), fiquei positivamente impressionada com nosso governo e políticos durante esta crise: havia muitos documentários e programas de entrevistas na imprensa e minha vivência pessoal foi de transparência e competência. E, talvez, nós, alemães, sejamos chamados a compreender e refletir sobre toda a situação e a catástrofe mundial. Talvez seja possível para nós, justamente porque somos menos afetados socialmente do que outros (seja do ponto de vista econômico, ou em termos de política de saúde).

Além de nossos pensadores antroposóficos (incluindo Jens Heisterkamp, 2017), uma personalidade me impressionou positivamente neste momento de crise, justamente por não ser antropósofo. Acho particularmente notável o que ele tem a dizer para o público sob a forma de entrevistas, na imprensa e livros (tendo em vista a questão do Covid). Em minha opinião, existe uma demanda que vai além de nossas ideias e conhecimentos antroposóficos para perceber o que está sendo pensado no mundo que nos rodeia e para nos conectarmos a um ponto de vista comum no sentido da solidariedade e de um novo tipo de consciência sobre o que está acontecendo em nosso mundo na pandemia. A personalidade que me impressionou positivamente foi o Dr. phil. Markus Gabriel, professor e pesquisador de filosofia na Universidade de Bonn, Alemanha. Ele diz, por exemplo, que "... nossa ciência de ponta do século 21 produziu sistemas com base no progresso científico e tecnológico que bloqueiam nosso progresso moral, divulgando notícias falsas, vigilância digital, propaganda e guerra cibernética para nos levar a confiar na verdade e no conhecimento, nos levando a perder de vista tanto a realidade, como nossa consciência. Este é o paradoxo de nosso tempo ... "(Gabriel 2020, p.267).

Penso que essa profunda incerteza no próximo, também é um aspecto importante, além dos fatores psicológicos pessoais em relação a problemas de autoestima, vários transtornos de ansiedade, medo e de apego que podemos observar em nossos pacientes em nossa prática psicoterapêutica. De acordo com Gabriel, é urgente desenvolvermos uma imagem filosófica humana adequada sobre nós mesmos como seres espirituais livres, capazes de reflexão moral. O que Gabriel postula aqui está em consonância com o que conhecemos na antroposofia, não só na teoria, mas na prática concreta e pelo caminho de desenvolvimento proposto em livros como *Conhecimento dos mundos superiores, Instruções para treinamento esotérico* ou nos chamados *Seis exercícios colaterais* de R. Steiner.

A necessidade de as pessoas se desenvolverem mais – é neste aspecto em que reside a oportunidade na crise –, também é muito clara para mim. Em nossa prática psicoterapêutica, conhecemos os fenômenos descritos na abordagem Psicanalítica: os chamamos de mecanismos de defesa, tais como repressão, negação, banalização, racionalização, deslocamento e projeção, etc., no tratamento de conflitos emocionais internos que desencadeiam imensa pressão interna quando impulsos opostos não podem ser integrados. Principalmente na forma de lidar com as regulamentações em relação à situação do Covid, percebi uma polaridade: as pessoas assumem as regras como se fossem uma lei e desenvolvem medos, sendo espionadas e denunciadas, ou "flertam" com as cenas de negação e as ideologias de conspiração. Parece-me que ambas as variantes ocorrem em um "nível de desenvolvimento puberal" (de acordo com Kohlberg, "fase convencional" do desenvolvimento moral, ver explicação no apêndice). O pensamento independente é necessário mais do que nunca na atual situação excepcional: o que a situação exige, o que posso representar ou não? Uma paciente me descreve seu sofrimento por não poder ter contato com sua neta de 2 anos pois poderia colocá-la em perigo. Sugeri que convidasse a filha e o filho para um encontro em seu grande jardim e jogar bola ou outra coisa com a criança, era verão e fazia bom tempo. Ela poderia evitar pegar a criança no colo, especialmente porque ela tem um problema na coluna e estava aguardando uma cirurgia. Ela aceitou minha sugestão e sentiu-se feliz e liberada. Outro exemplo: um paciente tinha um relacionamento à distância e sua namorada lhe disse que ela não tinha permissão para visitá-lo porque precisaria de um motivo válido para poder sair de casa. Porém, visitar companheiros apaixonados era permitido e as regras nada diziam sobre a distância que se podia viajar. O paciente ficou aliviado e surpreso. Nesses casos, o discernimento moral e seus próprios pensamentos e questionamentos são necessários para compreender qual é o significado das regras, usar um espaço de manobra desde que não

prejudique ninguém, e não a obediência cega. Ao buscar minha orientação interior, lembrei-me da *Filosofia da Liberdade* de Rudolf Steiner que me inspirou muito no início de minha carreira antropológica, bem como do trabalho de Lawrence Kohlberg sobre *Teoria do Desenvolvimento Moral*; eu o conheci na época em que estudava psicologia e, tanto sua pessoa, como seu trabalho me impressionaram muito. Ele descreve seis estágios diferentes de desenvolvimento moral na infância e, posteriormente, na idade adulta, que são possíveis mas não necessariamente desenvolvidos em todas as pessoas. Informações mais detalhadas sobre esse autor podem ser encontradas no apêndice. Em minha opinião, é possível descobrir fundamentos muito úteis para sermos capazes de enfrentar o grande desafio colocado por esta pandemia em todo o mundo. Nós, psicoterapeutas, também somos catalisadores e educadores no trabalho com nossos pacientes e criamos um sistema de bola de neve. Quando apoio um professor em seu processo psicológico de tornar-se uma pessoa interiormente livre, isso terá um impacto sobre os alunos; quando apoio o gerente de uma empresa, haverá uma influência sobre seus funcionários, no caso de uma mãe, pode causar influência sobre seus filhos e seu parceiro. O cônjuge, por sua vez, sobre seus amigos, colegas e sua família de origem. Podemos “construir cadeias de infecção” para pensar e agir com sensatez, inteligência e independência.

Nível social

Em março, quando ficou claro que uma pandemia estava avançando em nossa direção, ficamos todos chocados e assustados, nos movimentamos juntos e nossos políticos falaram conosco seriamente através da mídia, apelaram à solidariedade, mostraram-se com autenticidade e transparência, de uma forma que eu nunca havia experimentado antes. De repente, ficou claro um pedido de desculpas, de que um sistema político moralmente exigente mas, por outro lado, economicamente caro e arriscado, não era possível. A política moral não é um luxo, mas a única que faz justiça às pessoas e as coloca no centro. Para proteger a vida humana, a agitada sociedade, que estava constantemente à beira do esgotamento, foi desacelerada e transformada em um gigantesco escritório doméstico. No entanto, de início, o bloqueio foi amplamente aceito, de modo que o progresso moral ocorreu diante de nossos olhos, já que a maioria das pessoas estava disposta a proteger grupos particularmente vulneráveis, apoiando as barreiras de contato e ficando em casa para quebrar as cadeias da infecção. A natureza foi capaz de se recuperar: “O Corona vírus tirou os aviões do céu” e, em muitos lugares, você podia ver estrelas e montanhas que antes estavam envoltas em névoa. A água dos canais de Veneza ficou límpida e dava para ver peixes nadando. Muitas pessoas gostaram de obedecer a mensagem “fique em casa” de nossa Chanceler.

Nossos pacientes ansiosos mostraram alívio, finalmente se sentiram normais, puderam evitar as multidões e não foram mais “olhados de forma estranha” porque não queriam sair. Os muitos pacientes que desenvolveram sintomas de esgotamento e/ou depressão foram capazes de reconhecer o reflexo social do impulso interior e da super identificação sem dar valor à sua doença. Tal como acontece com uma lupa, o Corona vírus mostrou o que está em desordem, tanto a nível pessoal, como socialmente. A desumanidade e crueldade para com os animais em nossas fábricas de produção de carne foi demonstrada pela ocorrência de eventos de propagação rápida, processamento em massa e aglomeração de pessoas (trabalho barato da Europa Oriental) sob condições insalubres e repugnantes. No entanto, permanece em aberto quão sustentável esse despertar, vivenciado em parte, e seu avanço durante a crise poderia ser. Porém, ficou clara a necessidade de uma estrutura econômica global sustentável, o atual consumo forçado acabou se tornando um erro fatal do nosso “capitalismo esgotado”. Assim que o número de infecções diminuiu, os políticos esperaram que voltássemos às

compras. Mas o prazer de fazer compras usando máscara como atividade de lazer foi estragado para muitos de nós. As pessoas pensaram mais sobre o que realmente precisavam ou não. Este “capitalismo esgotado” pressupõe que as pessoas tenham seu objetivo principal de lucro, enquanto o comportamento moral é ingênuo e impossível. Porém, no início da pandemia, ficou claro que aceitar a morte de centenas de milhares para manter viva a economia seria incompatível com os valores de nossa sociedade.

A priorização da vida humana estava na perspectiva de tomada de decisão do governo, mas isso também teve consequências de longo alcance. Com o bloqueio, já existem vários danos colaterais que também são de ordem sanitária, uma vez que operações e exames que não são essenciais à vida e alguns exames preventivos não puderam ser realizados ou foram adiados. Houve também recessão econômica, ameaças à existência de pequenos negócios e funcionários, bem como situações de excessivas demandas sociais nas famílias, até surtos de violência devido ao confinamento espacial (falta de separação e intimidade) e dupla carga de creches, prática em casa-escola e home-office. A primeira fase do bloqueio foi baseada em percepções morais. Infelizmente, isso foi acompanhado, passo a passo, por uma regressão moral voltada ao recuo para os territórios dos Estados-nação, aliada ao excesso de confiança nacionalista. O estado de emergência associado foi usado de forma diferente nos vários países, inclusive para atingir objetivos políticos. Existe o risco de que um estado de emergência possa tornar-se abusivo e expandir o poder dos governantes (Hungria, Polônia, EUA, Brasil, para citar apenas alguns). Mas a Alemanha também não é uma área livre de ideologia na qual o governo apenas faz a coisa certa e implementa o que os especialistas recomendam. Em seu livro, Markus Gabriel descreve o papel do Estado de forma bastante compreensível: *“O Estado tem o direito de manter em segredo os processos decisórios e os debates internos, o que não é apenas legal, mas também legítimo. Infelizmente, muitas pessoas acreditam que, por causa disso, existe algum tipo de conspiração da elite contra o povo. Isso não se aplica (p.283) ... O sigilo parcial de complexos processos de negociação política não significa que os governantes estejam agindo contra os interesses do povo. Os políticos não precisam se restringir aos especialistas médicos, não são controlados por terceiros, e decidem fazer justiça à sociedade com base em objetivos prioritários ... Isso é legítimo e corresponde às regras do jogo da democracia parlamentar, especialmente porque, apesar de todas as divergências, é necessário afirmar que o debate público na Alemanha na época do Corona vírus é diversificado, com múltiplas perspectivas e, na verdade, guiado por uma visão moral.”* (Gabriel p.284). Cada crise traz uma oportunidade para melhorar as condições sociais. *“O colapso temporário das cadeias produtivas globais de um turbo-capitalismo completamente superaquecido, que há décadas destrói a qualidade de vida das pessoas em alta velocidade, leva a um momento de reflexão. Podemos agora experimentar em primeira mão que exageramos com o consumo forçado e a agitada afluência. Até recentemente, nossa vida consistia essencialmente em trabalhar para garantir que pudéssemos comprar bens de consumo que indiretamente colocam em risco nossas vidas ...”* (e nosso meio ambiente) (p. 286). Em tempos de descontração, não podemos pensar em nada melhor do que praticar turismo de massa, contemplar paisagens a granel, atropelar a natureza etc., passamos nosso tempo livre com as redes sociais e o entretenimento digital. Na situação do Covid, isso foi positivo, mas pode também se transformar em regressão moral e isolamento social; além disso, os monopólios da mídia que são muito poderosos se enriquecem, os dados pessoais foram disponibilizados voluntariamente como nunca antes.

Aspectos econômicos

Desde os anos 70, sabe-se que o terrível desperdício dos recursos naturais, mas também daqueles produzidos pelo ser humano, é insustentável e, provavelmente, levará ao extermínio da humanidade a longo prazo, pelo menos a catástrofes que serão muito mais terríveis do que a atual pandemia. Antes do Corona, o mundo não era normal, mas letal, e se continuarmos como antes, corremos o risco de crises ainda piores: vírus que não podemos prevenir, escalada de guerras econômicas entre os EUA e a China e a UE impotente, e um “joguete” entre as frentes, a disseminação do racismo e do nacionalismo entre certos grupos de pessoas na luta contra os migrantes que nos procuram porque demos aos seus algozes as armas ou o know-how, e a crise climática, que será muito mais ameaçadora para a humanidade, comportando-se como um vírus que não conhece “parar” nas fronteiras dos Estados. A atual direção de atuação e a forma de fazer negócios são baseadas num pensamento equivocado, sem pensar na sustentabilidade e na responsabilidade pelas gerações futuras. Esse tipo não deve ser igualado em si mesmo ao capitalismo, mas a uma certa interpretação das pessoas, do estado, e da economia.

“Isso inclui, em particular, a suposição de que todo indivíduo em negociações de troca é automaticamente voltado para a ganância de lucro e interesse próprio, e que todo relacionamento entre os atores no mercado é um encontro de egoístas.

Este é um modelo que, sob o título de **homo oeconomicus**, ainda hoje desempenha um papel importante nos currículos de economia, embora seja visto, há muito, como unilateral. Isso também inclui a falsa suposição de que o ser humano é um consumidor compulsivo movido pela ganância” (Gabriel, p 295). De acordo com esse modelo humano de **homo oeconomicus**, as pessoas se esforçam principalmente por valores úteis aos quais subordinariam tudo na luta pela sobrevivência. Em estudos empíricos (um grupo de pesquisa incluindo Armin Falk, Universidade de Bonn), no entanto, foi demonstrado que as pessoas, mesmo em situações de concorrência econômica, tomam decisões guiadas por considerações baseadas na reciprocidade e justiça, o que, a princípio, parecia irracional para os economistas. “Mas o que os economistas comportamentais classificam de irracional é a nossa realidade, que se desenvolveu evolutivamente porque somos seres sociais e que é a origem de nossa moralidade superior. Nossa moralidade não é um cálculo econômico voltado para o lucro e a mais-valia - tal autoconceito da razão humana ignora a ética e a lógica ... ”p (299). Como resultado, a imagem equivocada do ser humano que molda nossa economia deve levar a erros fatais que são particularmente evidentes em tempos de crise. Gabriel chama a imagem corrigida do homem de **homo cooperativus**.

Desde a crise do Corona, a forma moderna de sociedade não pode mais se dar ao luxo de negligenciar os aspectos morais - que também incluem a ecologia - porque a promessa econômica de que o crescimento econômico alimentado pela tecnologia científica conduziria automaticamente, de alguma forma, para melhores condições de vida falhou várias vezes. Foi justamente essa forma de pensar que gerou a crise ecológica, muito mais perigosa do que qualquer coisa conhecida até agora. É necessária a reorganização da economia social de mercado baseada na sustentabilidade, “... *sem que isso conduza a uma redução da riqueza.*” Só precisamos reconhecer que a prosperidade não consiste em trabalhar excessivamente e lutar por bens de consumo e arriscar o *burnout*, o que encontramos no turismo de massa poluente. Este ciclo, que muitas pessoas experimentaram durante anos como uma “roda de hamster”, não é prosperidade, mas uma vida moral e psicologicamente ruim. Prosperidade não é o acúmulo excessivo e sem sentido de dinheiro e bens: antes, cria estresse, o que contribui de fato para sobrecarregar nosso sistema de saúde há décadas e, por essa simples razão, também causa danos econômicos. “*O capitalismo de alta velocidade, junto com a*

destruição ambiental que o acompanha, acaba causando mais danos econômicos do que cria valor. Isso deve ser motivo suficiente para que ele seja repensado.”(P.307)

“A grande tarefa da sociedade pós-Corona é superar a contradição entre a rede global da humanidade e a organização nacional para que possamos trabalhar juntos para desenvolver valores universais para o século XXI e concretizar novas formas de cooperação que não sejam elaboradas por razões de mercado, ou mesmo de lógicas de guerras ”(p.309).

Se a crise só puder ser superada quando a vacina for encontrada e interrompida a cadeia de infecção, sob incômoda pressão do tempo, medidas questionáveis de competição internacional e brutal, passaremos de uma crise a outra, que pode ser ainda pior. Sem o apoio mútuo global de pessoas com experiência médica, ventiladores, alimentos, guarda-chuvas de proteção econômica, etc., estamos desesperadamente à mercê do vírus e vivenciamos estados mundiais de morte em massa e isolamento de pessoas doentes, como nas pandemias de 100 anos atrás. Como deve ser a solidariedade europeia? Isso não significa automaticamente que as nações mais afetadas economicamente paguem compensações a outras, mas que forneçam apoio mútuo. Gabriel cunhou o termo **co-immunism**, isso significa para ele a necessidade de vacinar contra o “veneno espiritual” que nos divide em culturas nacionais, faixas etárias e classes sociais e nos leva à competir uns com os outros, o que é um crime moral aos olhos do “mundo digital”. Não somos governados por uma camarilha poderosa que nos impõe prioridades morais ruins, ou articulada por uma elite separada dos inventores de conspiração de esquerda e direita. Não, todos nós contribuímos para o estado atual da sociedade. A política e a sociedade civil estão sob um ciclo de influência mútua, mais do que nunca. Para poder enfrentar o cenário ameaçador do século 21, precisamos de um novo Iluminismo. Todos têm que ser educados eticamente para que possamos reconhecer a ameaça gigantesca (e escapar da globalização suicida). O progresso científico e técnico não é o problema por si só, mas seu uso, por exemplo, em vez de voar ao redor do mundo inteiro, podemos realizar reuniões online como na pandemia e proteger nosso meio ambiente. Talvez você me pergunte:

Qual é a conexão entre essas explicações e o perigo real atual representado pelo vírus Sars CoV-2? Para conseguir encontrar meu caminho em situações difíceis, preciso de fatos tangíveis sobre o quê e porque estou lidando com algo. A explicação de que o vírus veio do mercado de vida selvagem em Wuhan ou que saltou do morcego sobre os humanos não me convenceu desde o início. Acho que é muito provável que o vírus venha do laboratório de pesquisa de Wuhan, onde se sabe que se fazem pesquisas sobre vírus perigosos (Ebola, Zika, variações do vírus influenza da "gripe espanhola"). Isso não é condenável ou uma teoria da conspiração, porque esses laboratórios de pesquisa existem em todo o mundo. Como lidamos com o progresso científico e tecnológico é muito mais uma questão para mim. Não devemos nos permitir ser narcisicamente guiados em nossas ações pela viabilidade da ciência e da tecnologia, mas devemos desenvolver aspectos éticos e morais e escolhê-los como estrela-guia. Em seu livro “Admirável Mundo Novo”, Jens Heisterkamp (2017) defende uma reflexão sobre os fundamentos do pensamento racional e da moralidade responsável. Ele pergunta se queremos desenvolver para o nosso futuro a pseudo realidade da arbitrariedade ou uma experiência de realidade do ser real, da qual podem surgir a realização pessoal e o compromisso social. Para isso precisamos de um trabalho de humanidades, ética e filosofia para todos.

Filosofia significa: amor à sabedoria

O amor pela sabedoria pode ser praticado, tanto quanto a lógica e a ética, como um pensamento disciplinado e racional sobre o que devemos e o que não devemos fazer -

independentemente de nossa origem. A ética se preocupa com a moralidade superior, o que nós, humanos devemos ou não devemos fazer, dado o fato de que somos todos humanos. Temos obrigações morais para com outros seres vivos, bem como para com o nosso planeta, gostemos ou não. Se violarmos isso, sofreremos consequências negativas a longo prazo que, eventualmente, se tornarão perceptíveis para todos. É tarefa de cada pessoa e, claro, também responsabilidade do governo, colocar a sustentabilidade e a justiça no topo de nossa estrutura-alvo. A filosofia e a ética são globais, cosmopolitas por natureza. O nacionalismo é repreensível porque é egoísta e declara todas as pessoas do outro lado da fronteira como sendo um jogo justo; é um erro gigantesco no que diz respeito aos fundamentos da moralidade. A promoção de um desenvolvimento moral começa com as crianças da escola (ver também Kohlberg).

“Devemos ensinar aos nossos filhos não apenas aritmética, escrita e leitura, mas também o pensamento que os convida a buscar a sabedoria e não apenas o consumo e o sucesso mensurável quantitativamente. Essa é a única maneira de aprender a ser feliz... Ensinaoos nossos filhos ... a não pensar racionalmente sobre o básico do que fazemos. Desta forma, nós, enquanto sociedade, aceitamos que produzimos pessoas moralmente analfabetas ...” (Gabriel, p.336ss).

A filosofia como disciplina de pensar sobre o pensamento não pertence ao passado, mas intervém profundamente nas estruturas da modernidade e no seu desenvolvimento. O ceticismo em relação à ética é fatal (de acordo com Markus Gabriel) e é muito mais do que um substituto para a educação religiosa. Para ele, essa atitude expressa um “desprezo sistêmico” pela razão humana em nosso sistema escolar. O progresso moral não tem um objetivo final definido e não é automático. A complexidade da realidade excede tudo o que podemos imaginar e a incerteza que é particularmente perceptível em situações de crise nunca desaparece completamente. Cooperar para criar formas sustentáveis de coexistência não pode funcionar no espaço de pensamentos nacionais e de fronteiras; discussões transculturais são necessárias para isso. Temos que pensar globalmente e desenvolver uma filosofia global que vá além da tradição e do preconceito. Neste século, é importante garantir a sobrevivência e construir uma sociedade global justa. Os problemas que enfrentamos, como a alta tecnologia digital (inteligência artificial), a superpopulação, as cadeias produtivas globais que colocam as pessoas em extrema pobreza, as guerras cibernéticas e as mídias sociais não podem ser administradas de forma eficaz em nível nacional. Isso se aplica às pandemias atuais e futuras, às mudanças climáticas e aos transtornos causados pela digitalização. Qual é o objetivo e o propósito da nossa vida? Para Markus Gabriel, uma vida boa consiste em “... que nos tornemos atores responsáveis e nos vejamos como seres vivos capazes de uma moralidade universal superior. Essa imagem do ser humano é a base de todo o Iluminismo, que ocorreu em diferentes fases, em todos os continentes, e em diferentes épocas. Hoje, nos tempos sombrios em que nos encontramos, a educação é mais urgentemente necessária do que há muito tempo. Por causa de nossas ações moralmente repreensíveis nos últimos dois séculos da modernidade, que levaram à construção de sistemas fatais de distribuição injusta de recursos, estamos ameaçados de nossa própria extinção. Apelo para que todos nós participemos do projeto do novo Iluminismo. Depois do Covid, a sociedade não será mais capaz de ser como antes. Está mais claro que nunca que a humanidade é uma comunidade de destino. Espírito e moralidade superior são realidades. A realidade, como o lugar do qual em princípio não se pode escapar porque não existe outro lugar, não é uma utopia. É importante que todos entendamos e articulemos isso ...” (p.344).

Será que ouvimos o chamado de despertar da crise mundial? A decisão é nossa. Depende de nós o que o futuro nos trará. Precisamos de uma "metafísica pandêmica", como diz Gabriel,

uma "reunião de todos os povos sob o teto do céu que nos abrace a todos". Somos chamados a sair juntos da crise, a não pensar e agir nacionalmente, nem a nos concentrarmos nos efeitos econômicos. Como humanidade, estamos sentados em um barco há 8 meses, o que só pode nos levar juntos a novas costas. Esta consciência vive entre nós no IFAPA e isto é ótimo.

ANEXO

A teoria do desenvolvimento de L. Kohlberg (resumo retirado da Wikipedia)

A teoria do desenvolvimento cognitivo do julgamento moral de Lawrence Kohlberg é baseada, entre outras coisas, na teoria da justiça moral-filosófica de John Rawls e representa um desenvolvimento posterior da teoria do desenvolvimento moral de Jean Piaget. Conceitualmente, a teoria de Kohlberg se baseia no modelo de desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget. A teoria de Lawrence Kohlberg sobre o desenvolvimento da consciência moral em humanos é baseada em sua dissertação (1958), que foi seguida por um estudo longitudinal que durou quase 25 anos. Ao longo de sua vida, Kohlberg trabalhou em sua teoria do desenvolvimento de julgamentos morais, constantemente revisando e expandindo-a. A teoria pressupõe que a consciência moral em humanos se desenvolve gradualmente na mesma ordem, por meio da qual nem todas as pessoas atingem os níveis mais elevados de consciência moral.

Teoria de Kohlberg - uma teoria do desenvolvimento cognitivo

Kohlberg chama sua contribuição de teoria do desenvolvimento cognitivo. Nesse contexto, o termo "cognitivo" deve ser entendido como pensar e julgar sobre problemas morais. Kohlberg não tratou dos aspectos afetivos do desenvolvimento moral em sua pesquisa. Ele assume que o julgamento moral é baseado no desenvolvimento cognitivo. Portanto, é preciso primeiro ser capaz de pensar logicamente antes de julgar moralmente e agir.

Fundamentos

Segundo Kohlberg, todas as pessoas passam pelos estágios de desenvolvimento da consciência moral descritos a seguir, independentemente da cultura em que cresceram, sempre na mesma ordem e sem pular etapas individuais. Os níveis de consciência moral correspondem a diferentes níveis de desenvolvimento dos processos cognitivos com os quais uma pessoa responde a conflitos e questões morais. A área essencial em que o desenvolvimento ocorre está na capacidade das pessoas de se colocarem no lugar das outras assumindo perspectivas.

Os níveis de consciência moral

Critérios para desenvolvimento

Para passar de um nível de consciência moral para outro, uma pessoa deve progredir em três áreas:

- 1.** Sua perspectiva social deve se expandir, afastando-se de uma perspectiva puramente egocêntrica, para realizar as reivindicações de outras pessoas na comunidade.
- 2.** Sua autodeterminação moral deve melhorar; ele deve aprender a questionar e justificar as normas morais.
- 3.** A justificação das regras de suas ações deve melhorar. Uma justificativa puramente egocêntrica de prazer/desprazer gradualmente se torna mais abstrata em direção a uma justificativa pós-convencional de normas.

Três níveis com dois sub níveis cada

Kohlberg distingue três níveis principais de julgamento moral, cada um dos quais consiste em dois sub níveis:

Nível pré-convencional

Este nível corresponde ao nível da maioria das crianças até nove anos de idade, alguns adolescentes e muitos infratores juvenis e adultos. Nesse nível, a criança experimenta, pela primeira vez, que pode haver outros pontos de vista além dos seus, mas as figuras de autoridade ainda são os modelos.

1ª fase - Orientação para o castigo e a obediência: Nesta primeira fase, estas não se baseiam em reivindicações morais, mas essencialmente na percepção de potenciais de poder. As regras estabelecidas pelas autoridades são seguidas para evitar punições.

2ª etapa - A orientação relativística instrumental: Na segunda etapa, as crianças reconhecem a mutualidade do comportamento humano. Agir corretamente consiste em satisfazer as próprias necessidades e, ocasionalmente, as dos outros como meio (instrumental). As relações humanas são entendidas como comparáveis às relações de troca do mercado. Eles orientam seu comportamento para essa reciprocidade, ou seja, reagem cooperativamente ao comportamento cooperativo e vingam-se do sofrimento que lhes é infligido (olho por olho/ do ut des) - "Eu dou para que você dê"; "Como você me dou")

Nível convencional

A maioria dos jovens e adultos pertence a este nível.

3º nível: A concordância interpessoal ou orientação "bom menino/boa menina": as expectativas morais dos outros são reconhecidas. O entrevistado deseja atender às expectativas dos cuidadores e autoridades (bom menino/boa menina), não apenas por medo de punição. Se ele não corresponder às expectativas, também se sentirá culpado. Da mesma forma, ele também coloca expectativas morais no comportamento dos outros. Além disso, muitas vezes se argumenta considerando a intenção associada ("Ele teve boas intenções").

4ª etapa - Orientação para a lei e a ordem: além da terceira etapa, o entrevistado reconhece a importância das normas morais para o funcionamento da sociedade. As expectativas não direcionadas pelos cuidadores à criança também são reconhecidas (regras morais gerais da sociedade) e seguidas, pois são necessárias para a manutenção da ordem social (lei e ordem).

Nível intermediário ou transicional

4 1/2. Nível: Ao avaliar um estudo longitudinal, constatou-se que os que concluíram o ensino médio retornaram ao Nível 2 de julgamentos morais. O estágio intermediário foi posteriormente integrado à teoria.

No período de transição para a idade adulta, os adolescentes normalmente estão em uma fase de transição. Para romper com o nível convencional de consciência moral, é importante questionar as normas morais e não seguir cegamente as autoridades. Na fase de transição, as pessoas ainda não são capazes de colocar a justificativa das normas em uma nova base intersubjetiva; eles estão moralmente desorientados. As pessoas neste nível se comportam de acordo com suas opiniões e emoções pessoais. Sua moralidade é bastante arbitrária, eles consideram termos como "moralmente correto" ou "dever" como relativos. Na melhor das hipóteses, conseguem evoluir para o 5º nível de consciência moral, mas também pode ser que permaneçam no nível de transição ou caiam para o 4º nível. O estágio intermediário é visto

como pós-convencional, embora os julgamentos morais neste estágio ainda não sejam baseados em princípios.

Nível pós-convencional

Apenas uma minoria de adultos atinge o nível pós-convencional, principalmente após os 20 anos.

5ª etapa - A orientação legalista para o contrato social: As normas morais passaram a ser questionadas e só vistas como vinculantes se bem fundamentadas. No quinto estágio, as pessoas se orientam para a ideia de um contrato social. Certas normas são aceitas por razões de justiça ou utilidade para todos. Apenas cerca de um quarto de todas as pessoas atingem esse nível.

6º nível - Orientação para o princípio ético universal: O sexto nível só é atingido por menos de 5% das pessoas. Isso torna a justificativa de padrões do quinto nível ainda difusa. A justificativa moral agora é baseada no princípio do respeito interpessoal, o ponto de vista racional da moralidade. A ação correta é harmonizada com princípios éticos auto-escolhidos, que se referem à universalidade e à não contradição, segundo os quais não se trata mais de regras morais concretas, mas de princípios abstratos (imperativo categórico). Os conflitos devem ser resolvidos pelo diálogo com o envolvimento (pelo menos intelectual) de todos os envolvidos. Este nível é semelhante à forma de justificativa padrão da ética do discurso.

Existe um nível 7?

O modelo de estágio atual de Kohlberg chega até o 6º estágio. Kohlberg mais tarde sugeriu que poderia haver um 7º nível no qual os julgamentos morais são baseados transcendentemente. Este aspecto não foi desenvolvido sistematicamente por Kohlberg; no entanto, ele assume que muito poucas pessoas alcançam esse estágio. Diz-se que o indivíduo de nível 7 está cheio de amor universal, compaixão ou santidade. Kohlberg cita Jesus, Buda e Gandhi como exemplos.

Referências Bibliográficas:

- Markus Gabriel: *Moralischer Fortschritt in dunklen Zeiten*, 3. Auflage 2020, Berlin, Ullstein Verlag
- Jens Heisterkamp: *Schöne neue Wirklichkeit*, 2017, Frankfurt am Main, Info 3 Verlagsgesellschaft
- Lawrence Kohlberg: *Zur kognitiven Entwicklung des Kindes*. Baden-Baden 1974, Suhrkamp Verlag
- Lawrence Kohlberg: *Die Psychologie der Moralentwicklung*. Suhrkamp, Frankfurt am Main 1996
- R. Steiner: *Anweisung für eine esoterische Schulung*, 6. Auflage, 2010, Rudolf Steiner Verlag
- R. Steiner: *Wie erlangt man Erkenntnisse der höheren Welten?*, R. Steiner Gesamtausgabe, Schriften und Vorträge Band 10, 2019, Rudolf Steiner Verlag
- R. Steiner: *Die Philosophie der Freiheit*, Grundzüge einer modernen Weltanschauung, Ausgabe 1918, Rudolf Steiner Verlag

Ellen Keller

Psicóloga Clínica

Psicoterapeuta Antroposófica

Membro da Diretoria - **German Society for Anthroposophic Psychotherapy eV** / Deutsche Gesellschaft für Anthroposophische Psychotherapie e.V. (**DtGAP**)

Membro do Conselho da IFAPA

Tradução Livre para o Português: Patrícia Botelho
Revisão: Mariangela Motta